



O DESAFIO DE AVALIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Ana Paula Azevedo Furtado

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ana Carine dos Santos de Sousa Paiva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Agência financiadora: sem financiamento

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir concepções e práticas de avaliação na Educação Infantil brasileira e está vinculado a uma pesquisa de dissertação que visou contribuir com a promoção da qualidade na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso múltiplos, realizada em seis instituições públicas do município de Fortaleza - Ceará. A perspectiva teórica trata a avaliação como processo contínuo de acompanhamento do desenvolvimento e da aprendizagem da criança e que deve ter como foco principal propiciar reflexão sobre a prática docente, conforme Hoffmann (2012), entre outros. A análise dos dados mostrou que o papel que as avaliações desempenham nas práticas das professoras mostra-se ora compatível com as ideias preconizadas nos documentos que normatizam e orientam a Educação Infantil, como avaliar para conhecer a criança e replanejar ou avaliar o próprio trabalho; ora contraditório, como avaliar seguindo pontos pré-estabelecidos ou ainda avaliar com caráter classificatório. Algumas das concepções encontradas são preocupantes, enquanto outras denotam avanços no entendimento sobre a avaliação como ferramenta necessária para a efetivação de práticas cotidianas significativas para as crianças. Nesse sentido, propomos uma reflexão em torno das práticas de avaliação adotadas atualmente, com o intuito de identificar suas limitações e progressos, ampliando a busca pela qualidade da educação oferecida nas escolas públicas.

Palavras-chave: Avaliação. Educação Infantil. Práticas docentes.



ABSTRATC

This article aims to present and discuss concepts and practices of assessment in Brazilian Early Childhood Education and is linked to a research dissertation, which aimed to contribute with the promotion of quality in Early Childhood Education. The article is about a qualitative research work, using the multiple case studies method, undertaken in six public institutions of the city of Fortaleza-Ceará. The theoretical perspective treats the assessment as a continuous process of monitoring the child development and learning and its primary focus is to provide reflections on the teaching practice, according to Hoffmann (2012), among others. The data analysis showed that the role of the assessments play in the teachers' practices is at times compatible with the ideas announced on documents that normalize and guide the Children Education, such as assess in order to know the child and replan or evaluate their own work, and at times contradictory, such as assess following predetermined points or even assess with classificatory purposes. Some of the conceptions found are worrying, while others show advances in the understandment about assessment as a necessary tool to establishing meaning everyday practices to children. In this sense, it is proposed a reflection on practices of assessment nowadays, with the purpose of identifying their limitations and progress, broadening the search for quality provided to Early Childhood Education in public schools.

Key-words: Assessment; Early Childhood Education; Teaching Practices.

Introdução

As temáticas referentes à Educação Infantil têm assumido atualmente um espaço cada vez mais amplo no cenário das pesquisas e, com isso, contribuindo para a democratização e atualização da legislação para essa etapa da educação básica.

Dentre os diversos temas que permeiam o contexto da Educação Infantil, a temática da avaliação ainda representa um campo de estudos que apresenta “tensões de ideias, práticas e

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



políticas” (BRASIL, 2015, p.7). Essa temática foi durante muito tempo encarada como uma dimensão pouco relevante.

No entanto, é possível afirmar que o número de pesquisadores que vem trazendo à tona a discussão em torno da avaliação na Educação Infantil vem se ampliando gradativamente. As discussões explicitam questões relativas à avaliação e à qualidade da Educação Infantil, sobre os instrumentais utilizados no processo avaliativo, como portfólios e relatórios, avaliações em grande escala ou sobre políticas públicas para essa faixa etária.

As especificidades e complexidades existentes nessa etapa da educação básica e a conscientização sobre sua importância para o desenvolvimento do indivíduo justificam o crescente interesse por temas que a compõem.

Face tais complexidades e especificidades, essa pesquisa visa a contribuir com este debate, trazendo a perspectiva de professoras do município de Fortaleza – Ceará sobre o ato de avaliar, os instrumentos utilizados e o papel da avaliação nos processos de ensino e aprendizagem das crianças de 1 a 5 anos e 11 meses.

Avaliação e Educação Infantil: especificidades em foco

A Educação Infantil, como primeira etapa da educação básica, pode ser considerada como uma grande conquista para a sociedade, visto sua importância residir no fato de a criança participar de um ambiente que favorece o seu pleno desenvolvimento, crescimento, aprendizagem e bem-estar. Essa etapa da educação apresentou diversos progressos recentemente, a partir da evolução na concepção de criança, que passou a ser



compreendida como indivíduo que é integral e dotado de cultura própria.

Apesar da evidente melhora em alguns aspectos relativos à educação das crianças de zero a cinco anos, a temática da avaliação ainda aparece de forma tímida na pauta de debates no cenário político, acadêmico e social.

De acordo com Hoffmann (2012), o tema avaliação na Educação Infantil é bastante complexo, devido às especificidades dessa faixa etária. Além disso, assevera a autora, que não se pode discutir sobre avaliação sem articulá-la com assuntos que lhe são pertinentes, como a concepção atual de infância, as teorias que embasam o conhecimento sobre a construção do desenvolvimento infantil e questões curriculares e de cenário que envolvem a qualidade da educação nessa faixa etária (HOFFMANN, 2012).

É pertinente destacar que o assunto “Avaliação na Educação Infantil” ainda é visto como “tabu” entre alguns educadores, sendo desvalorizado ou até mesmo considerado como desnecessário (OLIVEIRA-FORMOSINHO; PARENTE, 2009).

Tal condição dificulta ainda mais o entendimento e a ampliação da compreensão desse processo como essencial na prática educativa, um componente “inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação” (HOFFMANN, 2008, p. 15).

Compreender a avaliação como uma ferramenta que deve proporcionar reflexão e tomada de posicionamentos por parte do professor requer uma concepção de avaliação como processo e não em razão de um resultado final. Desse modo, a avaliação constitui-se como parte integrante do processo de construção do conhecimento, tanto das crianças como dos professores.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Hoffmann (2012, p. 13) conceitua a avaliação como “um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem por um longo tempo e em vários espaços escolares, de caráter processual e visando, sempre, à melhoria do objeto avaliado”. Nesse sentido, trata-se de uma ação permanente e não uma realização de um momento específico e isolado, devendo ser sempre refletida e gerar novas atitudes.

As especificações a respeito de como devem ocorrer as avaliações nessa etapa da educação básica podem ser encontradas na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional – LDBEN (Lei 9394/96), revisada e alterada pela lei 12.796 de 2013. Dentre as alterações mais significativas está a idade das crianças às quais se destina essa etapa da educação e algumas considerações concernentes à avaliação, como a observada no item I do art. 31, que enfatiza que na Educação Infantil a avaliação deve ocorrer “mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”. O item V do mesmo artigo da referida lei, acrescenta que as escolas devem providenciar “expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança” (BRASIL, 2013).

A par de tais determinações, a avaliação nessa etapa jamais deve servir para retenção ou promoção das crianças.

Também as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (2009) vêm reafirmar e normatizar a avaliação na Educação Infantil, em seu artigo 10º, que estabelece a responsabilidade das instituições de “criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação”, ressaltam, portanto, o uso da observação



crítica, criativa e contínua, além de instrumentos variados de registro e documentação (BRASIL, 2009).

As DCNEI constituem relevante documento que contribuiu com o avanço das ações que vêm acontecendo nessa etapa da educação básica, ao considerar a criança como um ser histórico e de direitos e, desta forma, visa contribuir com a constituição da identidade da Educação Infantil. O referido documento apresenta como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, apoiando-se em princípios éticos, políticos e estéticos.

É importante ressaltar que o documento citado concede às instituições a responsabilidade e a autonomia para elaborar procedimentos próprios para a realização dos acompanhamentos e estratégias que contemplem a avaliação do desenvolvimento das crianças em sua integralidade. Esses procedimentos não podem fugir da concepção de avaliação como instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica com o intuito de encontrar meios para proporcionar uma mediação de efetiva qualidade.

Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa, visto que se pretendeu estudar a complexidade da realidade social e envolver diferentes sujeitos dotados de opiniões próprias e específicas que são influenciadas também pelo meio ao qual pertencem (MINAYO, 2011).

A pesquisa deu-se em seis instituições públicas do município de Fortaleza – Ceará e buscou compreender as percepções das professoras em seus contextos próprios, específicos. Para tal fim, o instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada. Participaram do estudo 16 professoras que atuam em cre-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



ches e pré-escolas municipais. As docentes foram entrevistadas em profundidade com a intenção de apreender as subjetividades e singularidades das concepções e experiências vividas por elas.

A partir das análises apresentadas, é possível ter a percepção de que algumas das professoras entrevistadas mostram ter consciência da importância da avaliação vista como processo de acompanhamento e como elemento que favorece a efetivação de práticas mais significativas às crianças, com isso, procuram seguir as orientações da legislação vigente (DCNEI), buscam promover um acompanhamento real, de forma crítica e criativa, ao efetivar uma avaliação, de fato, mediadora. Por outro lado, há também professoras que mostraram indícios de que ainda não percebem as práticas avaliativas como relevantes ou como meio de contribuir com suas próprias práticas, denotando realizar práticas apenas por que lhes é imposto, ou ainda fazem, por fazer, uma mera atividade burocrática, certificativa, não lhes servindo como ferramenta valiosa nas ações de agir-refletir-agir, dando ênfase aos resultados.

Considerando essa visão, iremos tecer as reflexões no item seguinte, de modo a apontar como as concepções expostas pelas professoras entrevistadas influenciam em suas concepções e práticas avaliativas.

Resultados e discussões

A avaliação sob a perspectiva das professoras: Concepções e Práticas

Hoffmann (2012) alerta para o fato de que o processo avaliativo é permeado por sentimentos e percepções dos ava-



liadores. Ao interpretar suas observações, professores são influenciados por seus valores morais, sua visão de educação, de sociedade e de infância. É em torno dessa compreensão que empreendemos as análises aqui apresentadas.

Ao analisar o conteúdo das entrevistas, é possível perceber que as concepções a respeito de avaliação não são totalmente claras. Ainda existem muitas dúvidas em torno desse tema. Algumas das professoras, ao descreverem suas compreensões sobre avaliação, dão ênfase ao uso de instrumentais, como observação, relatórios, fichas e cadernos de registro. Hoffmann (2012, p. 15) alerta para esse equívoco e esclarece que “não se deve denominar por avaliação os instrumentos que fazem parte do processo de acompanhamento das crianças”. Instrumentos como pareceres, fichas, relatórios e outras formas de anotações são instrumentos que podem ser utilizados no processo de avaliar, integram o processo, contudo, o instrumento em si não pode ser denominado como avaliação.

De acordo com a autora, esses instrumentos só adquirem sentido conforme sirvam para tornar o acompanhamento e o fazer pedagógico mais significativos (HOFFMANN, 2012).

As falas das professoras Luiza, Clarisse e Adele, por exemplo, ilustram esse equívoco fazendo referência à avaliação, focando nos instrumentais que utilizam para isso:

A gente não tem essa avaliação de prova, mas nós temos o relatório, e é nesses relatórios que a gente escreve o que a criança progrediu, /.../. (LUIZA, Infantil II, grifo meu).

A avaliação é essa observação diária deles que a gente faz pra os relatórios semestrais, então a gente vai anotando o desenvolvimento, as dificuldades. /.../ aí a gente vai anotando e no final faz o relatório. (ADELE, Infantil II, grifo meu).

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Avaliação, na creche, é mais observação, não é avaliação mesmo, propriamente dita, /.../ Mas é só na observação mesmo, aí a gente escreve alguns pontos pra marcar depois na ficha e escrever os relatórios. (CLARISSE, Infantil II, grifo meu).

Nos depoimentos das professoras Luiza e Adele é perceptível o foco para os instrumentos que utilizam para registrar o acompanhamento que fazem das crianças. Na fala de Luiza, principalmente, a professora faz referência à “prova”, instrumento que historicamente foi o único utilizado como o “medidor do conhecimento” dos alunos, e ainda utilizado na atualidade como prática eficaz de medição do saber.

Essa referência revela ainda a forte relação desse instrumento com a visão de avaliação existente nas concepções das docentes. Parece-nos que ao se falar em “avaliar” logo se pensa em “prova”, como se fossem indissociáveis, um representasse o outro. A existência dessa relação nas concepções de professores pode revelar uma grande dificuldade em perceber a avaliação como algo mais amplo e complexo.

A fala da professora Clarisse também expressa essa associação do conceito de “avaliação” com a “prova”, sendo agravada ainda pelo fato desta minimizar a observação enquanto instrumento fundamental para avaliar ao definir essa ação como não sendo “avaliação mesmo, propriamente dita”. Essa afirmação revela o quão sua concepção da avaliação ainda está impregnada dessa visão historicamente concebida da avaliação vista como instrumento de medição: caso não sirva para medir, então não se configura como avaliação.

É importante ressaltar que, além de associarem os instrumentais que utilizam como sinônimo para avaliação, as três professoras descrevem o ato de avaliar como uma relação de competências, como uma listagem dos conhecimentos adquiridos.



ridos, informar quem faz e quem não faz algo, quem avançou e quem não avançou. Vale aqui uma reflexão a respeito do que cada professor pode considerar como avanço ou não, representando julgamentos de valores, sobretudo, sobre o tipo de educação ao qual esse professor acredita que as crianças com quem trabalha merecem. Além disso, conota a ideia da existência de uma homogeneidade entre as crianças, desconsiderando suas histórias individuais e esperando que todas atinjam os mesmos objetivos no mesmo momento.

Nesse sentido, esclarece Hoffmann (1996, p. 48) que “a avaliação não pode ser considerada como uma descrição de comportamentos observados ao longo de um período”. Avaliar na Educação Infantil necessita fundamentalmente de reflexão e tomada de atitudes.

Outra professora que apresentou em suas respostas características de classificação foi Paula. Além disso, demonstrou ideias de julgamento moral das atitudes das crianças. A docente se refere à dinamicidade das crianças como uma característica negativa, que tem dificultado o seu trabalho. Este fato a leva a assumir uma “avaliação informal, controlando a disciplina e os valores/atitudes das crianças” (GODOI, 2010, p. 54).

Outro aspecto que vale destacar é a forma da professora avaliar as reações das crianças às atividades propostas: “tem uns que são bem danadinhos, mas gostam de ouvir a história, tem outros que são dispersos na história, não se concentram, tem aqueles que têm mais dificuldade em ouvir, tem uns mais ligados”, isto é, tais reações não são tomadas como indícios da pertinência da atividade (por exemplo, o tema da história, a sua duração e o tipo de ilustração), mas sim para classificar as crianças. Assim, a avaliação não colabora com a reflexão da professora sobre a sua prática pedagógica.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Essa prática disciplinar controladora ainda é muito comum e desconsidera tanto o momento biológico no qual a criança se encontra quanto o protagonismo de suas ações e coloca o professor em local de destaque e domínio (GODOI, 2010).

Outro aspecto a ser destacado na fala dessa professora é a valorização de algumas características em relação às outras, ao relatar que “acaba avaliando mais é o lado dele assim, o emocional, do que o próprio pedagógico /.../”. Fica claro que o aspecto pedagógico ocupa lugar de maior valor; embora a mesma refira-se à dificuldade em acompanhar esse aspecto e, devido a isso, evidencia o fator emocional. Isso revela a concepção que a professora possui sobre a Educação Infantil, como uma etapa de preparação, reflete-se em sua concepção sobre o que avaliar.

A prática de utilizar a avaliação, mesmo que informalmente, como ferramenta de controle das atitudes das crianças também pode ser percebida na fala da professora Betânia:

Avaliar começa pelo registro diário, quando eles montam algo, por exemplo, eles já trazem pra gente tirar uma fotografia. Como a gente trabalha numa área periférica, então o quê que acontece? Eles vêm com o instinto de fazer arma, pra eles tudo é arma, tudo é o ladrão. Então, qual foi o primeiro ponto do início do ano? Quem fez arma para a brincadeira fica um minuto sentado perto da tia, se fez alguma coisa interessante, um boneco, um martelo, um celular, então a tia tira uma foto. A estratégia foi essa. Então é uma coisa interessante? Tira foto e vai pro *Facebook* da escola. É uma coisa violenta? Para a brincadeira e senta um minutinho e tem que desmanchar o que fez de errado. Então foi essa a primeira evolução, a partir disso vem o registro diário/.../. A avaliação não é avaliação de nota, mas é o registro da evolução. (BETÂNIA, Infantil III).



Pelo exposto, a professora Betânia revela uma série de concepções que merecem destaque. O caráter de controle em suas ações fica evidente ao relatar como procura direcionar as ações das crianças, inclusive nas brincadeiras. A professora utiliza da estratégia da fotografia para ir definindo, através dessa recompensa, o que cada criança deve construir, já que é considerado certo, e punindo o que considera errado, desconsiderando o meio social no qual essas crianças se encontram, referindo-se à influência desse meio como “instinto”.

Uma opção a essa atitude poderia ser através de uma mediação de escuta e compreensão, em substituição à punição, apresentando a essas crianças opções que as mesmas ainda não tiveram oportunidade de conhecer para, a partir de então, buscar o encantamento delas para outras opções de o quê admirar e, conseqüentemente, queiram imitar, produzir.

Um aspecto importante da prática avaliativa nessa etapa foi destacado por quatro professoras ao descreverem suas compreensões sobre avaliação. Trata-se do caráter de continuidade presente nas práticas avaliativas na Educação Infantil. Como exemplo, apresentamos as falas de duas dessas professoras:

A avaliação, em todos os momentos da vida da educação, ela é contínua, e aqui, mais especificamente, é contínua mesmo, é diária, eu faço ali uma experiência e naquele momento eu já estou avaliando quem foi que conseguiu assimilar direitinho, quem é que assimilou tão bem que está conseguindo passar para os outros, quem é que ainda não tem maturidade pra aquele tipo de experiência, /.../ assim não tem um momento específico /.../. (MARISA, Infantil I).

Ela é contínua, todos os dias a gente tá observando a criança, porque na educação infantil a gente não tem prova, então é através de relatórios, a gente tá sempre com um caderninho anotando todas as novidades deles

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



que tem todo dia, então é contínua, a avaliação é a cada dia, em todos os aspectos, porque ele é bem amplo. A gente não pode ficar só na parte cognitiva, na interação, nos comportamentos, nos sentimentos, então a gente avalia é no dia a dia, é contínua. (CÁSSIA, Infantil V).

A recomendação legal de um acompanhamento contínuo para a efetivação da avaliação na Educação Infantil vem desde a LDBEN, Lei 9396/96, e foi reforçada nas DCNEI.

BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ (1999, p.179) apontam que as educadoras devem evitar ter a “pretensão de observar tudo”. Essas autoras afirmam que mais importante do que isso é manter uma atitude receptiva, de escuta e de observação, visto que é preciso recolher as informações que sejam pertinentes para repensar as intervenções nos diversos momentos.

No que se refere a esta questão, as professoras Ana, Cássia e Fernanda também se referem à continuidade da avaliação, contudo, essas professoras também mostram compreender que esse acompanhamento não se limita a verificar quais conteúdos foram apreendidos pelas crianças ou não, mas ultrapassa essa visão e percebe a criança em vários momentos diferentes da rotina e a visualiza como um ser integral.

Ao tratar da avaliação, as professoras se referem às competências diversas: “/.../ seja na brincadeira, seja na linguagem oral, na escrita /.../” (Ana); “/.../ é bem amplo, a gente não pode ficar só na parte cognitiva, na interação, nos comportamentos, nos sentimentos /.../” (Cássia); “/.../ saber todo dia se a criança conseguiu fazer um desenho dentro ou fora, se ele conseguiu pular uma corda, se ele conseguiu completar tampinhas /.../” (Fernanda). Essa compreensão é necessária, visto que “nessa etapa precisamos ter uma visão global da criança” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 173).



As professoras Maria e Maria Gadú citam a ação de observar como atitudes presentes em suas práticas avaliativas; contudo, restringem essa prática a atos de observar para registrar. Os trechos abaixo representam essa afirmação:

Eu avalio através da observação durante as atividades, tanto pedagógicas dirigidas quanto as livres, quando elas ficam livremente brincando, interagindo, criando, então são feitas observações e em cima disso eu registro. (MARIA, Infantil III).

Avaliar é na observação no dia a dia, você faz avaliação; a cada dia você está vendo o avanço de quando eles entraram até agora. A cada letra que ele vai aprendendo, que vai conseguindo escrever é uma vitória. (MARIA GADÚ, Infantil IV).

De fato, a observação é fundamental e deve ser o ponto de partida para o processo de avaliação e o registro configura-se como uma garantia de que os fatos e situações importantes serão considerados como base para o planejamento do trabalho pedagógico (FÜLLGRAF; WIGGERS, 2014).

No entanto, essas respostas sinalizam para uma percepção de avaliação como processo de verificação sobre o que a criança já alcançou, não indicam que essas informações serão retomadas em outro momento.

Contrapondo-se a essa visão, as professoras Tulipa e Marjorie revelaram possuir práticas avaliativas que utilizam os dados observados para uma possível ação, como é possível perceber nos trechos abaixo:

Nessa etapa, para mim, a avaliação é esse acompanhamento da criança, é saber a que nível ela conseguiu chegar, /.../ a avaliação deles, essa observação que é feita o tempo todo, que não seja punitiva, nem para promover o aluno, **mas que seja algo que venha a acrescentar**

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



algo ao meu trabalho. /.../ (TULIPA, Infantil I, grifo nosso).

Avaliação na Educação Infantil é todo um processo que deve ser realizado diariamente, de **acompanhamento, de observação, de intervenção**. É muito complicado avaliar nessa etapa, porque realmente são muitas coisas que a gente tem que considerar e às vezes ficamos meio perdidas sobre o que é importante anotar, o que não é. (MARJORIE, Infantil IV, grifo nosso).

O fato de apenas duas professoras citarem a utilização dessa avaliação com o objetivo de promover melhorias em suas práticas com as crianças é preocupante, visto que esse aspecto é fundamental. A avaliação deve servir para o aprimoramento da prática pedagógica do professor, de forma a nortear práticas efetivamente significativas que considerem as possibilidades e os interesses de cada criança. (HOFFMANN, 2012; FERREIRA, 2013). Assim como indicam diversos autores, “a avaliação deve servir basicamente para intervir, modificar e melhorar a nossa prática, a evolução e a aprendizagem” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 174).

O movimento reflexivo deve ser prática constante por parte do docente ao buscar a promoção de aprendizagens significativas, considerando essas reflexões para nortear o planejamento das experiências oferecidas às crianças e impulsionar uma ação educativa mediadora.

Duas professoras pontuam como importante o aspecto da avaliação incidir não apenas sobre as crianças, mas servir também para direcionar um olhar avaliativo sobre o desenvolvimento do próprio trabalho, constituindo-se em uma autoavaliação. Desse modo, realizam uma “observação no sentido de olhar para o outro e, ao mesmo tempo, para si como indivíduo que educa” (BECCHI, 2012, p. 7). As professoras afirmam que:



Avaliar, na verdade, eu acho que é um instrumental muito próprio, não é apenas uma resposta para os pais, mas muitas vezes é uma resposta pra você mesmo, que muitas vezes você se pergunta se atingiu aquele objetivo. Será se você realmente conseguiu, dentro do que você esperava, será se realmente aconteceu? Então, assim, avaliação nunca é só o meu ver, porque você já leu coisas, já passou por formações, então, assim, dentro da minha prática, a concepção que eu trago é que, na verdade, ela é uma resposta do seu trabalho./.../ (ELIS, Infantil II).

Eu vejo a avaliação como avaliar a mim como professora, porque se eu tiver fazendo um bom trabalho, o resultado eu vejo na criança, na maneira como ele se desenvolveu naquela etapa, como ele se comporta, eu avalio o meu trabalho. Porque eu acho que avaliar uma criança numa idade dessa não é a minha grande intenção não, a minha intenção é que ela se desenvolva, que ela construa as aprendizagens, a avaliação é pra eu avaliar a minha prática, se eu estou no caminho certo. (ANA CAROLINA, Infantil III).

A fala de Elis traz um aspecto relevante ao informar sobre a influência de leituras e da participação em cursos de formação continuada em sua concepção sobre o avaliar, visto que pensar a atuação docente requer pensar também a formação desse docente. A formação do docente não é constituída pontualmente, mas construída em uma rede complexa de trocas conscientes e inconscientes entre os diversos sujeitos que a compõem (FURLANETTO, 2007).

Não se pode ignorar que as pessoas atribuem significados pessoais a tudo que leem, ouvem, observam, e, com isso, suas ações são diretamente motivadas por sentimentos, crenças, preconceitos e valores (CRUZ, 1996).

Dessa maneira, como já afirmado anteriormente, a forma como cada professor concebe a educação, o seu papel na socieda-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



de, o tipo de educação que as crianças merecem, tem influência direta sobre suas práticas. Esse conjunto de concepções é resultado de construções particulares de tudo o que cada um já vivenciou.

Um aspecto preocupante a ser destacado na fala da professora Ana Carolina trata-se do trecho em que a docente afirma que “avaliar uma criança numa idade dessa não é a minha grande intenção não /.../”. Na assertiva, a docente revela uma interpretação sobre avaliação como algo negativo. Isto talvez ocorra devido à visão tradicional da avaliação estar relacionada à medição, à classificação, à reprovação. Desse modo, ao não se apropriar do real sentido de avaliação nessa etapa e sua importância, a professora acaba por desqualificar essa prática e, embora relate práticas positivas de se avaliar, isso talvez esteja limitando suas ações e meios de ampliar as experiências oferecidas às crianças com as quais convive. Além disso, a docente parece preferir não considerar que realiza avaliação de crianças tão pequenas por ter ainda uma ideia de avaliação como algo negativo, que vai classificar/rotular essas crianças.

Essa visão é similar às das professoras Malu e Fernanda que consideram esse tema “polêmico”. O fato de a avaliação ser considerada polêmica, reafirma a tradição de a avaliação estar atrelada à ideia de medição, o que faz com que não se aprofundem nas discussões sobre a importância de se avaliar.

As concepções das práticas avaliativas como polêmicas ou negativas talvez sejam resultados da falta de discussões sobre essa temática, sobretudo na Educação Infantil e derivadas de conhecimentos e/ou experiências em outra etapa da educação básica.

É necessário refletir sobre essa concepção negativa a respeito da avaliação, uma vez que tal concepção interfere na conscientização de que a avaliação deve ser usada “a favor da



criança, na medida em que o professor a observa para conhecê-la e atender seus interesses e curiosidades, para refletir sobre seu trabalho, para mudá-lo e aprimorá-lo constantemente” (GOGOI, 2010, p. 102). Nessa perspectiva, a avaliação não julga ou limita as possibilidades das crianças, mas, de forma positiva, constitui-se como instrumento que promove o desenvolvimento das mesmas.

Desse modo, avaliar de forma mediadora exige um esforço por parte do professor, mudança de postura e de atitudes, é preciso estar aberto ao diálogo, esse trabalho nem sempre será possível, dado as condições de trabalho existentes que dificultam um olhar mais individualizado.

Algumas considerações

O modo como o professor avalia pode dizer muito de como este compreende a educação. A visível diversidade de concepções sinaliza para a existência de diversas práticas. É possível notar que professoras que apresentam concepções de Educação Infantil ainda diferenciando ações do “cuidar e educar” ou como etapa preparatória denotam percepções mais limitadas a respeito da avaliação, reduzindo suas funções a atos de conhecer e/ou de verificar.

Por outro lado, professoras que mostraram visões mais atuais a respeito da Educação Infantil, como etapa fundamental de construção de aprendizagens, baseadas no respeito às crianças e conhecimento de suas potencialidades, também demonstraram compreender a avaliação como prática que serve de orientador do trabalho pedagógico.

Nove professoras evidenciaram que a avaliação incide diretamente em seus planejamentos, ilustrando como, na prática

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



as informações percebidas nas observações e registradas em cadernos ou outros instrumentos, podem servir ao docente na busca por melhores práticas, como sintetiza Malu: “minha avaliação, minha observação serve pra eu replanejar ou planejar algo pra frente. Pelo menos eu procuro fazer isso, senão, não faz sentido avaliar”.

É preocupante o fato de professoras não mencionarem ações de reflexão sobre sua prática, posto que “o processo avaliativo é reflexivo por natureza e alicerce do fazer pedagógico consciente” (HOFFMANN 2012, p. 46). Tal evidência pode demonstrar um entendimento de avaliação como uma ferramenta estéril cuja única finalidade é apresentar aos familiares, ao final de um processo, os resultados obtidos.

A par desse processo, pesquisadores vêm buscando tornar mais ampla a disseminação da compreensão da avaliação como elemento que não pode estar distanciado da prática pedagógica (LUCKESI, 2005). A avaliação é um elemento que, da mesma forma que orienta, se traduz no trabalho (OLIVEIRA-FORMOSINHO; FORMOSINHO, 2013). Trata-se, portanto, de componente fundamental no desenvolvimento de um trabalho pedagógico comprometido com a qualidade.

O presente texto evidencia uma série de fragilidades a serem superadas. Pretendeu-se, sobretudo, apresentar contribuições baseadas nas vozes de um grupo de professoras em exercício, com experiências e práticas profissionais específicas, incorporando esses discursos ao debate sobre a avaliação. A lacuna ainda existente entre o proferido na legislação e o que é praticado na realidade precisa ser ultrapassada. Uma ampliação do debate acerca do papel da avaliação na efetivação de práticas pedagógicas de qualidade, de modo a promover a participação de todos os segmentos da sociedade poderia con-



tribuir para a superação de perspectivas padronizadas que limitam a possibilidade de experiências de reflexão e formação.

É possível concluir que há um longo caminho a ser transcorrido na busca de uma Educação Infantil de qualidade na qual todos os sujeitos envolvidos participem ativamente das relações promotoras de interações, socialização e ampliação de saberes, desenvolvimento e bem-estar.

Referências bibliográficas

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

BECCHI, Egle. Os personagens na creche. In: BECCHI, Egle. *et al. Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9.394/96. Brasília: MEC/CNE, 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L9394.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Parecer 20/09 e Resolução 05/09. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/lei/112796.htm>. Acesso em: 19 mar. 2015.

_____. **Contribuições para a política nacional: a avaliação em educação infantil a partir da avaliação em contexto**. Curitiba, PR. Brasília: MEC/SEB/COEDI, 2015.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



CRUZ, Silvia H. V. **Reflexões acerca da formação do educador infantil.** Cad. de Pesq., São Paulo, n. 97, p. 79-87, maio. 1996.

FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. **Projetos e práticas pedagógicas:** na creche e na pré-escola. Brasília: Liber Livro, 2014.

FURLANETTO, E. C. **Como nasce um professor?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2007.

GODOI, Elisandra G. **Avaliação na Educação Infantil:** um encontro com a realidade. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação na pré-escola:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre, RS: Mediação, 1996.

_____. **Avaliação:** mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre, RS: Mediação, 2008.

_____. **Avaliação e Educação Infantil:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre, RS: Mediação, 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J; PARENTE, M. C. **Para uma pedagogia da infância ao serviço da equidade:** o portfólio como visão alternativa da avaliação. Revista GEDEI, n. 7, p.22-46, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J; FORMOSINHO, J. Perspectiva pedagógica da associação criança: Pedagogia em participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (org.). **Em busca da pedagogia da infância:** pertencer e participar. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.